

## **Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade?**

**Gottfried Brakemeier\***

**Resumo:** No mundo globalizado o encontro das religiões é inevitável. Ele pode redundar em perigosos conflitos, chamados “guerras santas”, ou em absoluto relativismo que já não mais conhece normatividade. Como contornar ambos os inconvenientes? Porventura o anseio pela paz deve renunciar à insistência na verdade? De acordo com o credo cristão, Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). Para muitos contemporâneos, o exclusivismo cristão obstaculiza o entendimento entre as religiões. Buscam uma “teologia pluralista das religiões”. O presente estudo analisa essa proposta, tentando mostrar uma via alternativa que não abdica nem da verdade do Evangelho nem do compromisso com a paz.

**Resumen:** En el mundo globalizado el encuentro de las religiones es inevitable. Este puede redundar en peligrosos conflictos llamados “guerras santas”, o en absoluto relativismo que ya no conoce más la normatividad. ¿Cómo, entonces, contornar ambos inconvenientes? ¿Acaso la ansiedad por la paz debe renunciar a la insistencia en la verdad? De acuerdo con el credo cristiano, Jesús Cristo es el camino, la verdad y la vida (Jo 14.6). Para muchos contemporáneos, el exclusivismo cristiano obstaculiza el entendimiento entre las religiones. Buscan una “teología pluralista de las religiones”. El presente estudio analiza esa propuesta, intentando mostrar una vía alternativa que no desiste ni de la verdad del evangelio, ni del compromiso con la paz.

**Abstract:** In the globalized world the meeting of religions is inevitable. It can turn into dangerous conflicts, the so-called “holy wars”, or into an absolute relativism that no longer knows any normativeness. How to get around both inconveniences? Perchance should the desire for peace renounce the insistence on truth? According to the Christian creed, Jesus Christ is the way, the truth and the life (John 14:6). For many contemporaries, the Christian exclusivism places obstacles in the understanding among the religions. They seek a “pluralist theology of the religions”. This study analyzes this proposal, trying to show an alternative way that neither abdicates on the truth of the Gospel nor on the commitment for peace.

---

\* Professor de Ecumenismo na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS. E-mail: gbrakemeier@est.com.br

## 1 - O impasse

1. O Concílio crê “firmemente, confessa e prega (...) que nenhum dos que existem fora da igreja católica, não somente os pagãos, mas também os judeus ou heréticos assim como os cismáticos, podem chegar a ser partícipes da vida eterna; pelo contrário, irão ao fogo eterno ‘que está preparado para o diabo e seus anjos’, a não ser que antes do fim da vida sejam agregados a ela [à igreja].” Foi o Concílio de Florença que, em 1442, assim se pronunciou. Sustenta que a vida eterna está condicionada à filiação à Igreja Católica. *Essa convicção separou não somente cristãos e não-cristãos. Dificultou também o ecumenismo das Igrejas cristãs* até meados do século XX. Se salvação depender da fé católica, não sendo suficiente nem mesmo o ser cristão, então também nós, os luteranos, estamos excluídos. Não teríamos outra sorte a esperar senão o castigo do inferno de fogo.

De modo diferente, embora semelhante, manifestou-se um Congresso sobre Missão Mundial, em 1960, em Chicago, nos Estados Unidos. Ele afirmou: “Nos anos a partir da guerra [a segunda guerra mundial], mais de mil milhões de almas passaram à eternidade, e mais da metade delas foram ao tormento do fogo do inferno, sem sequer ter ouvido falar em Jesus Cristo: quem foi e por que morreu na cruz do Calvário.”<sup>1</sup> É verdade que os congressistas não fizeram a salvação depender da filiação a uma instituição eclesial. No entanto, são categóricos no sentido de enxergar todas as pessoas no caminho da perdição, enquanto não confessarem o nome de Jesus<sup>2</sup>.

2. O **exclusivismo** em evidência nesses vereditos causa mal-estar. É arrogante e injusto. Com que direito são condenados à pena eterna os adeptos de outras religiões, que, aliás, no início do século XXI, constituem dois terços da humanidade? A quem debitar a culpa de sua desgraça? A eles próprios, os “pagãos”, em razão de seus pecados? À ineficiência da missão cristã, inapta a cumprir seu mandato? Ou a Deus mesmo que teria privilegiado uma parte da humanidade em detrimento da outra? Nenhuma dessas respostas convence. Que os outros laboram em erro e que somente nós estamos em posse da verdade é concepção extremamente perigosa. Causou e causa sangrentas guerras, peca por fatal simplismo e, em verdade, carece de respaldo bíblico.

---

1 Ambas as citações se encontram em Andrés Torres QUEIRUGA, *O diálogo das religiões*, São Paulo: Paulus, 1997, p. 5 e 15.

2 A primeira posição é rigidamente eclesiocêntrica, a segunda, cristocêntrica. Cf. Mário de França MIRANDA, *O encontro das religiões, Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 26, p. 13s., 1994.

Conseqüentemente, *os posicionamentos da atualidade costumam ser mais cautelosos*. A Igreja Católica corrigiu sua atitude intransigente no Concílio Vaticano II. Na declaração “Nostra Aetate”, insiste num relacionamento respeitoso entre cristãos e não cristãos, atestando às religiões que “não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens”<sup>3</sup>. Portanto, nem tudo é perdição fora da Igreja. Também entre os protestantes multiplicam-se vozes conciliatórias, abertas para o diálogo. Isto vale, inclusive, para o movimento evangélico. Cito como representativo o nome de Pius Helfenstein, teólogo que busca nova aproximação entre as religiões e a fé cristã mediante recurso à obra do triúno Deus<sup>4</sup>. Naturalmente, persistem posições fechadas. Mas parecem constituir a retaguarda. A teologia e as Igrejas descobriram no diálogo inter-religioso um dos grandes desafios da atualidade. O exclusivismo de outrora se tornou suspeito. Aparece cada vez mais como fenômeno anacrônico, ultrapassado.

3. Por isso, as preferências estão se voltando majoritariamente para um outro modelo. É o do **inclusivismo**. Ele tem longos antecedentes. Não abre mão da unicidade de Jesus Cristo. Mas vê o Cristo, preexistente e exaltado “à direita de Deus Pai”, agindo também fora da cristandade, ainda que de modo oculto. Já Justino o Mártir, teólogo apologeta do século II da nossa era, havia falado em sementes do Verbo divino espalhadas pelo universo pagão. Entende esse Verbo como sendo a razão universal, um princípio cósmico, presente também na antiga filosofia grega, muito embora de maneira fragmentária. Somente em Jesus Cristo a palavra de Deus teria tomado corpo pleno e definitivo (Jo 1.14)<sup>5</sup>. Mas o mundo não-cristão teria participação na verdade. Além de Justino, deveriam ser mencionados outros nomes, como o de Clemente Alexandrino. Mediante a idéia da palavra divina espalhada pelo universo, constroem pontes entre a sabedoria pagã e a fé cristã sem renunciar à prioridade desta. Abre-se assim a possibilidade do diálogo.

*Muitos teólogos da atualidade seguem rumos teológicos semelhantes*. Entre os protestantes, cabe mencionar nomes como o de F. D. Schleiermacher, no século XIX, e o de Paul Tillich, no século XX. Insistem em que

---

3 Lourenço COSTA, *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, São Paulo: Paulus, 1997, p. 339s.

4 Pius HELFENSTEIN, *Grundlagen des interreligiösen Dialogs*, Frankfurt am Main: Otto Lembeck, 1998. O “Pacto de Lausanne”, firmado em 1974, ainda havia assumido postura rígida, negando qualquer conhecimento salvífico de Deus aos povos.

5 Cf. Bernhard LOHSE, *A fé cristã através dos tempos*, São Leopoldo: Sinodal, 1972, p. 82; João PILOTTI, As “Sementes do Verbo” na teologia das religiões a partir do Vaticano II, *Teocomunicação*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 31, n. 86, p. 125-150, 2000.

Jesus Cristo não é a *única* revelação de Deus, antes a *definitiva* e, por isso, normativa. Incorporando a plenitude da salvação, torna-se ele o “catalisador crítico” da verdade<sup>6</sup>. Mas sua ação não fica restrita ao âmbito cristão. Eis por que P. Tillich pôde falar numa “Igreja latente”, não coincidente com as fronteiras das Igrejas constituídas, uma Igreja como que “transeclesialística”<sup>7</sup>. Nesses horizontes, as religiões não-cristãs não ficam excluídas da história da salvação. Elas “são caminhos de salvação, enquanto implicam a salvação de Jesus Cristo”<sup>8</sup>.

Na teologia católica, um dos mais ilustres expoentes do inclusivismo é Karl Rahner. Remonta a ele a célebre tese dos “*cristãos anônimos*” em outras religiões. Mesmo que não se confessem expressamente cristãos, haveria inúmeras pessoas que assumem a autocomunicação universal de Deus e lhe respondem com fé, amor e esperança. Aplica-se isto até mesmo a ateus, enquanto não tenham agido contra sua consciência moral. Também outras vozes insistiam ou insistem na possibilidade de salvação à parte dos referenciais dogmáticos explícitos da Igreja. Falava-se, por exemplo, no “batismo por desejo”, sendo, nesse caso, a boa vontade decisiva para a aceitação por Deus<sup>9</sup>. São muitas as modalidades de articulação dessa proposta. Ultrapassam os limites denominacionais. Abrem brechas aos não-cristãos para a participação na salvação, sem diminuir a importância de Jesus Cristo. É por isso que esta proposta atrai enormes simpatias.

*Ainda assim, ela possui graves inconvenientes.* Desrespeita a alteridade das outras religiões. No dizer de Hans Küng, trata-se de uma maneira sutil de encampar o parceiro, de negar-lhe a identidade, de esmagá-lo mediante o abraço fraternal<sup>10</sup>. O inclusivismo está propenso a descobrir no outro somente o familiar, o próprio, não o diferente. Torna-se, exatamente assim, obstáculo para o diálogo. Que diriam os parceiros cristãos, se fossem tachados de criptobudistas, por exemplo? Que Jesus Cristo está sempre à frente dos que o anunciam, atuando com certeza também fora da esfera cristã, é lembrança salutar. Entretanto, o inclusivismo incorre no perigo de “driblar” a

---

6 Assim Eduardo Rosa PEDREIRA, *Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*, São Paulo: Paulinas, 1999, p. 114s.

7 Paul TILLICH, *Teologia sistemática*, São Leopoldo: Sinodal / São Paulo: Paulinas, 1984, p. 671s. Remetemos ainda para Ulrich H. J. KÖRTNER, *Christus allein?: Christusbekenntnis und religiöser Pluralismus aus evangelischer Sicht*, *Theologische Literaturzeitung*, v. 123, n. 1, col. 4s., 1998.

8 Faustino TEIXEIRA, *Teologia das religiões: visão panorâmica*, São Paulo: Paulinas, 1995, p. 44. Quanto ao que segue, veja *ibid.*

9 Veja Carl E. BRAATEN / Robert W. JENSON (Eds.), *Dogmática cristã*, São Leopoldo: Sinodal, 1990, v. 1, p. 540s.

10 Hans KÜNG, *Ser cristão*, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 80.

necessidade da missão<sup>11</sup> com o argumento de os pagãos já serem crentes. Nivelam-se as diferenças, o que, em última análise, não serve ao entendimento.

4. Que as outras religiões são universos conceptuais autônomos, exigindo apreciação nessa sua qualidade, é ênfase do terceiro modelo, o **pluralista**. Não se apresenta uniforme. Engloba em si diferentes posições. Os mais renomados entre os seus representantes são o presbiteriano inglês John Hick e o católico Paul Knitter<sup>12</sup>. Mas o número de simpatizantes é grande, assim como também o é de oponentes. O assunto está sendo discutido calorosamente na atualidade<sup>13</sup>.

Diz o modelo pluralista que *todas as religiões são caminhos à salvação*. Elas o são a seu modo, com propriedades inconfundíveis e com um discurso peculiar. Não permitem, portanto, ser niveladas. Mas a nenhuma se poderia atribuir qualidade absoluta. Não há religião que seja superior às demais. Aplica-se isto também ao cristianismo. Não possui nenhum monopólio religioso. Deixa de ser a única religião verdadeira e se insere como parceira igualitária no conjunto das demais. A variante pluralista não nega a Jesus Cristo a *singularidade*. Nega-lhe, isto sim, a *exclusividade*. Esta poderia ser afirmada somente em termos subjetivos. Se eu confesso Jesus como sendo o único salvador, ele o é para mim. Mas não o é necessariamente para outros. Os credos não têm caráter objetivo, universal. Pois muitos seriam os acessos à salvação. A teologia pluralista coloca todas as religiões em pé de igualdade. Nega absolutismos e introduz “relatividade” no discurso religioso.

*Os pluralistas substituem o cristocentrismo pelo teocentrismo*<sup>14</sup>. Enquanto Jesus Cristo divide as religiões, a fé em Deus seria seu elo de união. Ainda que articulem esta fé em linguagem diferente, seriam expressões do mesmo fenômeno. Assim como o amor tem manifestações multifacetadas, assim também o teria a fé. As religiões, nessa ótica, passam a ser complementares. Assemelhar-se-iam a um lindo canteiro de flores, fascinan-

---

11 Esta é uma objeção de Hans Urs von BALTHASAR, a que alude Faustino TEIXEIRA, *Teologia das religiões*, op. cit., p. 53s.

12 John HICK, O caráter não absoluto do cristianismo, *Numen*, Juiz de Fora: UFJF, v. 1, n. 1, p. 11-44, 1998; Paul KNITTER, O cristianismo como religião verdadeira e absoluta?, *Concilium*, v. 156, n. 6, p. 19-33, 1980. Outro “pluralista” de renome é Perry SCHMIDT-LEUKE, *Pluralistische Religionstheologie: Wozu?*, *Ökumenische Rundschau*, Frankfurt am Main: Lembeck, v. 49, n. 3, p. 259-269, 2000.

13 Quanto às suas raízes históricas, veja os interessantes comentários de Eduardo Rosa PEDREIRA, op. cit., p. 119s. bem como os de Faustino TEIXEIRA. op. cit., p. 56s.

14 Jaques DUPUIS, O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso, in: Faustino TEIXEIRA (Org.), *Diálogo de pássaros*, São Paulo: Paulinas, 1993, p. 81s.

do pelo aspecto pitoresco, multicolorido. Aponta-se para o exemplo da biodiversidade, sabidamente constitutiva do ecossistema do planeta. Assim deveriam ser vistas também as religiões. Somente a multiplicidade formaria o universo integral da fé. Trata-se de uma visão “sintética” que tenta conjugar as religiões em vez de jogá-las umas contra as outras.

A despeito desse nobre objetivo, *a proposta, naturalmente, suscita questionamentos*<sup>15</sup>. Ela conflita com o testemunho bíblico, enfático na afirmação da universalidade e exclusividade salvífica de Jesus Cristo. Além do reducionismo cristológico, provoca outras irritações. Porventura serão as religiões assim tão complementares? Como harmonizar o que não raro se apresenta altamente conflituoso? A proposta pluralista incorre em perigoso relativismo<sup>16</sup>. Pois o confinamento da verdade à subjetividade solapa a normatividade geral. Já não há mais nada de realmente válido. Assim sendo, o pluralismo, em flagrante oposição a seus propósitos, não favorece o diálogo inter-religioso. Alimenta o descompromisso.

5. **Os três modelos**<sup>17</sup>, portanto, são impróprios para oferecer padrões do relacionamento inter-religioso. O *exclusivismo* admite a alteridade, mas nega a legitimidade da mesma, podendo até mesmo demonizá-la. Localiza a possibilidade da salvação unicamente na esfera do próprio credo, abrindo um fosso entre este e os demais. O *inclusivismo* procura o entendimento, descobrindo autenticidade de fé também além dos muros da própria casa. Mas ele o faz pelo preço da negação da alteridade das religiões estranhas, cristianizando-as por via indireta. O modelo *pluralista*, enfim, constata as diferenças e as respeita. Mas atomiza a verdade e, na prática, reconduz ao politeísmo. Preconiza a existência de muitas salvações equivalentes, diluindo os critérios do confiável e verdadeiro. *Há que se buscar, pois, uma outra via*, diferente das acima apresentadas, contornando os impasses apontados.

*É o que preocupa a reflexão teológica contemporânea.* Será con-

---

15 Cf. Christine AXT-PISCALAR, *Evangelischer Glaube und die Frage nach den anderen Religionen*, in: *Das Wesen des Christentums in seiner evangelischen Gestalt*, Neukirchen: Neukirchner, 2000, p. 87s.; H. J. KÖRTNER, op. cit., col. 12s.

16 É no que o prefeito para a Congregação da Fé, da Cúria Romana, Cardeal J. K. Ratzinger, enxerga o grande adversário da fé no futuro. Depois de neutralizada a teologia da libertação, caberia fazer frente ao relativismo. Cf. Reinhold BERNHARDT, *Die Herausforderung – Motive für die Ausbildung der pluralistischen Religionstheologie*, in: Hans Gerd SCHWANDT (Ed.), *Pluralistische Theologie der Religionen: Eine kritische Sichtung*, Frankfurt am Main: O. Lembeck, 1998, p. 19. Uma primeira reação é a Declaração “Dominus Iesus”. Pergunta-se se o combate ao relativismo de fato terá por preço o recuo no ecumenismo.

17 Confirma os comentários em Carlos Alberto STEIL, *O diálogo inter-religioso numa perspectiva antropológica*, in: Faustino L. C. TEIXEIRA (Org.), *Diálogo de pássaros*, p. 26s.; Mariasusai DHAVAMONY, *Teología de las religiones*. Madrid: San Pablo, 1998, p. 39-61; e outros.

cebível uma teologia que reserve, em seu arcabouço, um lugar aos credos não-cristãos? Quais seriam os contornos de uma tal “*teologia das religiões*”<sup>18</sup>? Porventura existe um credo comum de todas as religiões, e qual poderia ser? É necessário levantar a pergunta. Pois, caso as religiões nada tiverem em comum, seria de imediato impossibilitada a comunicação. A humanidade estaria condenada a desgastar-se em permanentes guerras santas. As religiões, nessa hipótese, seriam fenômenos estanques, compartimentados, definitivamente concorrentes. A fé cristã, por confessar a origem comum da humanidade na bondade do Deus criador, por saber-se comprometida com o amor ao próximo e mesmo ao inimigo e por enxergar a humanidade sob a promessa da vinda do reino de Deus, não pode conformar-se com tal perspectiva. Procurará “recursos para uma correta avaliação teológica das diversas tradições religiosas, criando as condições para o exercício de um efetivo diálogo inter-religioso”<sup>19</sup>. Buscará um fundamento comum para construir comunhão e assegurar a paz. Trata-se de tarefa premente, justamente no século XXI.

## 2 - A nova urgência

1. A pergunta pela *sorte dos “descrentes”* desde sempre tem inquietado os cristãos. Aludimos acima a algumas das respostas. Em tempos de globalização, porém, a questão adquiriu nova insistência. Pois o encontro das religiões já não mais pode ser contornado. Os adeptos de outras religiões não moram em continentes distantes. Passaram a ser vizinhos. A mobilidade da sociedade e uma rede de comunicação internacional o fizeram possível. Mesclaram as religiões, as culturas, os povos, desafiando a achar formas de convivência plural. Ademais, culturas outrora oprimidas emergem do anonimato, intensificando o colorido sociorreligioso. São muitos os fatores multiplicadores da diversidade. **Multiculturalidade e plurirreligiosidade são características típicas da sociedade pós-moderna.** A América Latina se vê fortemente envolvida no “novo cenário”<sup>20</sup>.

Acontece que o “pluralismo religioso é um desafio mais amedrontador

---

18 Em sua última preleção aberta, proferida em Chicago, no ano de 1957, Paul Tillich insistiu energicamente nesse capítulo negligenciado da teologia em seu tempo. O cristianismo não poderia isolar-se no mundo religioso e reivindicar posição ímpar. Veja Wolfhart PANNENBERG, *Erwägungen zu einer Theologie der Religionsgeschichte*, in: *Grundfragen Systematischer Theologie: Gesammelte Aufsätze*, Göttingen: Vandenhoeck, 1967, p. 252s.

19 Faustino TEIXEIRA, op. cit., p. 12.

20 Assim Walter ALTMANN, O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo e à missão, in: *Desafios missionários na realidade brasileira*, São Leopoldo: CECA, 1997, p. 61-72; cf. Mário França de MIRANDA, O pluralismo religioso como desafio e chance, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 55, n. 218, p. 323-337, 1995; Claude GEFFRÉ, A fé na era do pluralismo religioso, in: Faustino Luiz Couto TEIXEIRA (Org.), *Diálogo de pássaros*, p. 61-74; etc.

para a fé cristã do que o ateísmo moderno.” É este o juízo de um teólogo francês contemporâneo<sup>21</sup>. E, com efeito, o ateísmo é adversário visível. Identifica-se e, portanto, trava batalha aberta. Contra ele podem ser construídos diques. Enquanto isso, o pluralismo religioso age como infiltração de água, difícil de ser estancada. Coloca em xeque as verdades tradicionais e abala as convenções válidas até o momento. Em vez de destruir a fé, o pluralismo religioso desorienta. Confronta não com um caminho à salvação, mas com uma infinidade de atalhos, todos repletos de promessas. *Acarreta o fantasma do relativismo.*

Paradoxalmente, o pluralismo estimula também o fanatismo religioso. Pois, em suas manifestações relativistas, produz um sentimento que o sociólogo Peter Berger chamou de “forasteirismo metafísico”, ou seja, o absoluto desamparo<sup>22</sup>. A um mundo cujas bases parecem ruir e que não mais oferece esteio seguro de vida *reage o “fundamentalismo”*, empenhando-se em preservar o que, alegadamente, sempre sustentou a existência humana. O termo surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, como autodesignação de um movimento de oposição às ameaças da modernidade. Perseguiu-se o objetivo de assegurar os elementos fundamentais da fé. Atualmente, a palavra passou a ser sinônimo de conservadorismo religioso, bitolado, propenso à violência. Possui conotação pejorativa. Convém lembrar que fundamentalismo nem sempre tinha exatamente essa fisionomia. *Entretanto, o radicalismo de certos grupos religiosos hoje possui feição nitidamente fundamentalista.* É dogmaticamente fechado, intolerante, militante. Quer proteger a fé contra suposta alienação. Sacia desse modo a sede por certeza num mundo cambaleante, oferece identidade grupal e uma causa pela qual vale a pena batalhar. É claro que os vários fundamentalismos são incapazes de conviver em paz. Será inevitável, pois, o “choque das civilizações”, vaticinado por Samuel Huntington<sup>23</sup>?

---

21 Claude GEFFRÉ, O lugar das religiões no plano da salvação, in: Faustino TEIXEIRA (Org.), *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, São Paulo: Paulinas, 1997, p. 112.

22 Citado por Joachim TRACK, Kirche zwischen Fundamentalismus und Pluralismus, in: Dieter BECHER (Ed.), *Globaler Kampf der Kulturen?: Analysen und Orientierungen*, Theologische Akzente, v. 3, Stuttgart/Köln/Berlin: Kohlhammer, 1999, p. 34. Com relação ao todo, veja a coletânea de artigos editados por Hans KÜNG / Jürgen MOLTSMANN et alii, Fundamentalismo: um desafio ecumênico, *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 241, v. 241, n. 3, 1992; David TRACY, Para além do fundamentalismo e do relativismo, *Concilium*, v. 240, n. 2, 1992, p. 121s., 1992; Ivo Pedro ORO, *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*, São Paulo: Paulus, 1996 – além de nosso estudo Gottfried BRAKEMEIER, O imperativo ecumênico diante de pluralismo e fundamentalismo, in: *Consecratio Mundi: Festschrift em homenagem a Urbano Zilles* (ed. R. A. Ulmann), Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 63-71.

23 Quanto à tese de Samuel Huntington, veja o comentário de Konrad RAISER, Ist ein “Kampf der Kulturen” unausweichlich? *Ökumenische Rundschau*, Frankfurt am Main: O. Lembeck, v. 49, n. 4, p. 396-404, 2000.

2. Seria impróprio deplorar o pluralismo religioso e qualificá-lo como tragédia. Trata-se de “efeito colateral” da **liberdade religiosa**, com a qual a fé cristã se sabe irrenunciavelmente comprometida. Jesus Cristo não coage, não impõe jugo confessional, não exerce tirania espiritual. Respeita a individualidade das pessoas e seu direito ao juízo em assuntos de fé. Exagero de individualismo pode acarretar prejuízos. *Mas quem se empenha por liberdade deve também admitir pluralidade.* Cabe lembrar ainda que diversidade é a marca da criação e dos membros do corpo de Cristo. O Espírito Santo distribui variedade de dons. O próprio Novo Testamento é um livro plural<sup>24</sup>. Assim sendo, não se pode tratar de suprimir pluralidade, e, sim, de administrá-la devidamente. Relativismo e fundamentalismo de modo algum são fatalidades. São patologias do pluralismo que exigem a prevenção, respectivamente, a terapia.

*A pluralização do mundo global constitui um processo irreversível.* É ilusório sonhar com a reversão do quadro. Simpática ou não, importa acostumar-se à idéia da sociedade plurirreligiosa e aprender a viver com ela. Doravante será este o contexto da teologia e da prática eclesial. A identidade cristã deverá articular-se em comparação explícita com outros credos. Nenhuma religião tem reais perspectivas de se impor às outras e de uniformizar o universo da fé. As esperanças da cristianização do planeta<sup>25</sup>, vivas no passado, acabaram sepultadas. A missão cristã leva a mensagem do evangelho aos confins da terra. Mas não possui receita mágica para converter os povos. Até mesmo parece haver uma inversão. Da ofensiva, a cristandade passou à defensiva, vendo-se não raro acuada pela missão agressiva de grupos não-cristãos. Em todos os casos, plurirreligiosidade será signo permanente do mundo global.

3. Em tal situação, somente o diálogo, respectivamente, o **“ecumenismo inter-religioso”** poderá assegurar a paz. É altamente procedente o alerta de Hans Küng, dizendo que não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões<sup>26</sup>. Somente uma “cultura de diálogo” poderá evitar sinistros e peri-

---

24 Cf. Gottfried BRAKEMEIER, O cânon do Novo Testamento – paradigma da unidade da Igreja?, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 3, p. 212s., 1997.

25 A primeira Conferência Internacional sobre Missão, realizada em 1910, na cidade de Edimburgo, Escócia, estava imbuída do entusiasmo da “evangelização do mundo nesta geração”. Cf. James SCHERER, *Evangelho, Igreja e Reino: estudos comparativos de teologia da missão*, São Leopoldo: Sinodal, 1991, p. 12s. Porventura teria sido essa idéia a réplica do “império europeu”, portanto, uma “colonização religiosa e cristã” do mundo? Veja Matthias VÖTT, *Dialogpraxis konkret*, in: Urs BAUMANN / Bernt JASPERT (Eds.), *Glaubenswelten: Zugänge zu einem Christentum in multi-religiöser Gesellschaft*, Frankfurt am Main: O. Lembeck, 1998, p. 177s.

26 Hans KÜNG, *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 103. Este mesmo autor, com boas razões, insiste num

gosas colisões culturais. Importa desarmar as religiões e mobilizar as energias pacificadoras nelas inerentes. É uma forma de prevenção contra a auto-destruição<sup>27</sup>. A humanidade é uma só. Tem uma só casa (*oikos*), na qual deve arranjar-se. Ela terá futuro somente em conjunto ou não o terá. É tolo quem julga poder excluir-se da coletividade. Na aldeia global, existe uma interdependência recíproca, requerendo da humanidade a consciência de constituir uma só família, com membros de diferentes graus de parentesco, mas irmanados. *Ao mundo globalizado falta o espírito ecumênico.*

Tal espírito se constitui na premissa do *esforço por neutralizar as ameaças que oneram o futuro do planeta*. Basta lembrar o problema ecológico. Já não permite ser regionalizado ou particularizado. Destruição ambiental sempre possui dimensões globais. Possui também dimensões religiosas. Talvez haja quem não se interesse por “salvação em outras religiões” e seja avesso à prática religiosa como tal. O assunto permanece em pauta, todavia. Pois salvação, em sentido amplo, significa “sobrevivência”, vida plena, vida isenta de negatividade. Trata-se de um dos mais importantes dados antropológicos, sem os quais a vida se desumaniza. A meta de buscar as fontes que prometem “vida” à humanidade perfaz o mandato de todos os seres humanos e se coloca como inevitável item na pauta do ecumenismo inter-religioso<sup>28</sup>.

*Esse ecumenismo persegue a meta de construir solidariedade global.* Pretende unir e ensaiar convivência. Ninguém de bom senso vai contestar essa necessidade. No entanto, *o esforço vai corromper-se, caso desprezar a pergunta pela verdade*<sup>29</sup>. Paz conseguida por esse preço esgotar-se-á em superficial irenismo, camuflando as divergências em vez de reconciliá-las. Reduzir-se-á à permissividade, passível de ser explorada por inescrupulosidade e maldade. Paz não pode significar tolerância ilimitada. Assim como o perdão pressupõe a confissão do pecado, assim a paz deverá alicerçar-se no que é justo, honesto, proveitoso. Não pode suprimir a pergunta pelo que, afinal, tem validade. É a razão por que o empenho pela verdade pode obstaculizar a paz e até mesmo impedi-la. Serão *a paz e a verdade* adversárias de modo que haveria a necessidade de optar? A natureza do diálogo

---

ecumenismo das religiões. Mera tolerância não basta. Exige-se ecumenismo (ibid., p. 101). Veja nosso comentário em Gottfried BRAKEMEIER, *Ecumenismo: repensando o significado e a abrangência de um termo, Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 33, p. 195-216, 2001.

27 Interessante estudo é apresentado por Hans-Werner GENSICHEN, *Weltreligionen und Weltfriede*, Göttingen: Vandenhoeck, 1985. Mostra a ambigüidade de discurso e prática das religiões com referência ao assunto.

28 É feliz a escolha do título para a seleção de artigos sobre a matéria, organizada por Faustino TEIXEIRA, *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, São Paulo: Paulinas, 1997.

29 “Sacrificar a questão da verdade é incompatível com a posição cristã.” Citação de W. Pannenberg, de acordo com Mário de França MIRANDA, *O encontro das religiões*, op. cit., p. 15.

inter-religioso dependerá em boa medida da prioridade que se atribui a uma ou a outra. Portanto, como se relacionam a paz e a verdade?

4. Julgamos imprescindível a releitura da Bíblia sob esse enfoque. É óbvio que a complexidade do assunto exige maior aprofundamento do que aqui, no espaço disponível, é possível. Limitar-nos-emos a alguns tópicos que julgamos relevantes. Perguntaremos pelas dimensões da revelação de Deus conforme o testemunho bíblico<sup>30</sup>. Os pagãos, porventura, estarão eles excluídos da autocomunicação de Deus? Será Jesus Cristo, em sentido exclusivo e único, a manifestação de Deus na história? Enfim, qual é a fé que salva?

### **3 - Revelação de Deus à parte de Jesus?**

1. A **universalidade do propósito salvífico de Deus** deita profundas raízes nas duas partes da Bíblia. Abraão recebe a promessa de por ele serem benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3)<sup>31</sup>. O profeta Isaías espera, para o fim dos tempos, o afluxo dos povos ao monte Sião (Is 2.2-4). Também em outros profetas do AT, encontram-se tais dimensões abrangentes. A eleição de Abraão e de Israel tem o resgate da humanidade por objetivo. Não é sinal de favoritismo. Pois, “se a plenitude da revelação bíblica tivesse sido adquirida à custa do abandono do resto da humanidade, seu oferecimento posterior estaria já radicalmente viciado e seria inaceitável”<sup>32</sup>. Confirma-o vigorosamente o Novo Testamento. Deus não faz acepção de pessoas (At 10.34). Em Jesus de Nazaré, revelou-se aquele Deus que amou ao mundo e lhe oferece a vida eterna (Jo 3.16). Pois ele “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade (1 Tm 2.4). *Deus não é um Deus particular, mas universal, simultaneamente criador, redentor e consumidor.*

Essa universalidade, porém, passa pelo crivo que é Jesus Cristo. Distinguindo-se dos profetas, é ele o Filho “unigênito”, um com o Pai, Deus que se tornou um ser humano (Fp 2.5-11). A fé cristã enxerga em Cristo a plenitude da divindade (Cl 1.19). Deus estava nele, reconciliando o mundo consigo mesmo (2 Co 5.19). Nele, a humanidade tem o único mediador (1 Tm 2.5), o sumo sacerdote (Hb 5.5; etc.), o salvador de sua desgraça (2 Tm 1.10; etc.).

---

30 Remetemos, entre outros, a VEREINIGTE EVANGELISCH-LUTHERISCHE KIRCHE IN DEUTSCHLAND, *Religionen, Religiosität und christlicher Glaube*: Eine Studie, Gütersloh: Mohn, 1991, p. 91-103; Pius F. HELFENSTEIN, op. cit., p. 335s.

31 Os horizontes universais surpreendem num texto tão antigo. Cf. Gerhard von RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: ASTE, 1973, v. 1, p. 167s.

32 André Torres QUEIRUGA, op. cit., p. 30.

Eis aqui o caminho, a verdade e a vida; ninguém chegará ao Pai senão por ele (Jo 14.6). A fé cristã proclama Deus em definição cristológica, com base na qual entende ser Deus essencialmente amor (1 Jo 4.8,16)<sup>33</sup>. É claro que de imediato *surge a pergunta se a cristologia não prejudica a pretendida universalidade do evangelho*. Deus se revelou somente em Jesus?

2. O Novo Testamento é unânime em atribuir ação poderosa à palavra de Deus também antes do nascimento de Jesus de Nazaré. Diz o autor da Carta aos Hebreus (1.1s.): “Havendo Deus outrora falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho...”. *Existe uma história da revelação de Deus no antigo Israel* que inclui o êxodo, o pacto do Sinai, a palavra dos profetas e numerosos outros eventos. Deus se comunica através de **mensageiros** e se dá a conhecer por **acontecimentos históricos**. Ainda que a manifestação de Deus atingisse em Jesus Cristo o ápice, ela tem múltiplos antecedentes.

Não menos importante é a revelação de Deus através da **criação**. As maravilhas da natureza são transparentes para a obra do criador, despertando louvor e adoração (cf. Sl 8; 104; etc.) Particularmente o apóstolo Paulo é enfático na questão: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer, é manifesto entre eles (sc. os pagãos), porque Deus lhes revelou.” (Rm 1.19s.). Verdade é que o ser humano não tirou as devidas conseqüências dessa “revelação natural”. Ficou em dívida com o criador, substituindo-o por ídolos (Rm 1.20s.; 1 Co 1.21; etc.). *O conhecimento natural de Deus já não mais constitui possibilidade de salvação*<sup>34</sup>. Serve tão-somente para denunciar o pecado do ser humano. Todavia, também as pessoas pagãs, não pertencentes a Israel ou à Igreja, possuem algum conhecimento de Deus. Têm noção de sua vontade, da “lei”, dos direitos divinos (cf. Rm 2.14-16). Houve e há uma revelação geral de Deus à humanidade com importantes reflexos nas religiões não-cristãs. Foram também elas dotadas com a sua sabedoria.

*Em termos luteranos, poder-se-ia dizer que as pessoas não-cristãs conhecem a lei, mas não o evangelho*. No Debate de Heidelberg, em

---

33 “Falar de Jesus Cristo como objeto de fé (...) é, rigorosamente, *teo-logizar*.” Assim Henrique C. De Lima VAZ, A experiência de Deus, in: Arcângelo R. BUZZI / Leonardo BOFF (Orgs.), *Experimantar Deus hoje*, Petrópolis: Vozes, 1974, p. 74-89. Veja também os demais artigos neste volume, bem como nosso estudo Gottfried BRAKEMEIER, O Deus de Jesus no credo dos cristãos, in: Walter ALTMANN (Org.), *Falar de Deus hoje*, São Paulo: ASTE, 1979, p. 35-66.

34 Conforme Rm 1.18s., Deus revela sua ira sobre o pecado humano contraído em razão do desprezo ao Deus criador. Quanto à problemática, veja Mariasusai DHAVAMONY, op. cit., p. 11s., bem como as reflexões nada ultrapassadas de Rudolf BULTMANN, A questão da revelação natural, in: *Crer e compreender*: ensaios selecionados, ed. revista e ampliada, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2001, p. 192-217.

1518, Lutero assim se expressou<sup>35</sup>. Quem conhece Deus somente pelas obras da criação não o conheceu devidamente. Ainda lhe está oculto o Deus que se revela pela tolice da cruz (1 Co 1.18s.), ou seja, aquele Deus que ama e justifica por graça. Nessa perspectiva, as religiões, quando muito, exercem função semelhante à da lei: são pedagogos para conduzir a Cristo (Gl 3.24). Preparam o evangelho, mas dele não podem ter noção enquanto desconhecem Jesus Cristo.

3. De **preparação para o evangelho** fala também o mais recente pronunciamento da Igreja Católica Romana sobre o assunto, a Declaração *Dominus Jesus*, do ano de 2000. A posição inclusivista do Concílio Vaticano II é mantida, embora com sensíveis restrições. As crenças nas outras religiões constituem “tesouros humanos de sabedoria e de religiosidade”, mas não possuem qualidade salvífica. “(...) algumas orações e ritos (...) podem assumir um papel de preparação ao evangelho (...)”. Entretanto, não se lhes pode “atribuir a origem divina nem a eficácia *ex opere operato*, própria dos sacramentos cristãos.”<sup>36</sup> Visto que a Declaração sublinha fortemente a função mediadora da Igreja entre Jesus Cristo e as pessoas, ela se reaproxima à posição que condicionava a salvação à filiação à instituição eclesiástica católica.

E não é somente pela *criação* que Deus se dá a conhecer. Age também por *Cristo*, o *preexistente*. O Verbo que em Jesus se encarnou é mediador da criação. “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.1s.; cf. Cl 1.16). De modo semelhante, o apóstolo Paulo enxerga Jesus Cristo acompanhando o povo de Israel em sua trajetória pelo deserto. A rocha, da qual jorrou água, era Cristo (1 Co 10.4), no que o apóstolo detecta uma prefiguração da santa ceia. A revelação de Deus não se limita ao Jesus histórico e aos anos de sua biografia.

4. E ela prossegue também após a Páscoa. O *Espírito Santo* há de guiar a comunidade a toda verdade (Jo 16.13). Ele “chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra”, como dirá Lutero no Catecismo Menor. A revelação de Deus pelo Cristo crucificado, a revelação do Deus pelo Espírito Santo e a revelação pela criação perfazem um conjunto indivisível. Não é

---

35 Martinho LUTERO, O Debate de Heidelberg, in: *Obras Seleccionadas*, São Leopoldo /Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1987, v. 1, p. 18s. (especialmente tese n° 19 e 20). Cf. Wilfried HÄRLE, op. cit., p. 100s.

36 Veja CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração Dominus Jesus*, 4. ed., São Paulo: Paulinas, 2001, § 21, p. 41; cf. Ulrike LINK-WIECZOREK, Mit dem “solus Christus” allein unter den Religionen?, *Ökumenische Rundschau*, Frankfurt am Main: O. Lembeck, v. 49, n. 3, p. 315s., 2000.

permitido divorciar as “pessoas” da **Trindade**. Somente juntas representam a verdade integral sobre Deus<sup>37</sup>. Separadas, tornam-se passíveis de mal-entendidos. Podem submergir na ambigüidade dos fenômenos religiosos.

*Decorre daí ser a perspectiva trinitária fundamental para uma teologia cristã das religiões.* Possibilita a abertura sem nivelar<sup>38</sup>. Contemplados sob o aspecto da *criação*, os “pagãos” não deixam de ser imagem de Deus (Gn 1.27) – assim como também os cristãos o são. Da mesma forma, é importante destacar a atuação de Deus como *Espírito Santo*. É certo que o Espírito repousou sobre Jesus e nele se manifestou (Mc 1.10). No entanto, ele não está preso a ele. É *outro* Consolador, diferente de Jesus (Jo 14.16). E ele sopra onde quer (Jo 3.8). Não obedece a ordens humanas. Trindade diz que, embora indivisíveis, importa distinguir as três “pessoas” divinas, Pai, Filho e Espírito Santo. Agem de modo coerente, mas não exatamente igual. Deus não atua somente na Igreja. É verdade que o Espírito Santo sempre permanece sendo o Espírito de Jesus. Dele não se emancipa. Todavia, não é a menção formal do nome (!) de Jesus que identifica a revelação do trino Deus. É o conteúdo (!) da mesma<sup>39</sup>. Não poderá Jesus estar *espiritualmente* presente mesmo que *nominalmente* seja desconhecido? Nem tudo é antagonismo entre cristãos e não-cristãos. Às vezes, se descobre surpreendente “*parentesco espiritual*”. Basta pensar no cuidado exemplar dos povos indígenas com o meio ambiente<sup>40</sup>. Então, será impossível descobrir sinais do triúno Deus também no mundo não-cristão? A resposta vai exigir o exame crítico, mas de modo algum será de antemão negativa.

**5. Os “pagãos” têm algum conhecimento de Deus.** Assim aprendemos da Bíblia. Ele não protegeu nem protege contra o pecado. No entanto, a afirmação de um Deus exigente em termos éticos não é nenhuma particularidade cristã. Também entre não-cristãos existe moralidade. Obediência, adoração, mística são fenômenos religiosos comuns. A pergunta é: *haverá também “fé” à semelhança daquela em Jesus Cristo*, fé esta que tem a promessa da justificação? Se a resposta for afirmativa, então haverá também

---

37 O quanto isto é importante foi muito bem mostrado por Euler R. WESTPHAL, As mediações das experiências do Espírito Santo, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n. 2, p. 11-20, 2000.

38 Cf. Pius F. HELFENSTEIN, op. cit., p. 377s.; Reinhold BERNHARDT, Trinitätstheologie als Matrix einer Theologie der Religionen, *Ökumenische Rundschau*, Frankfurt am Main: O. Lembeck, v. 49, n. 3, p. 287-301, 2000. O assunto mereceria maior aprofundamento do que nos é possível neste espaço.

39 Wilfried HÄRLE, op. cit., p. 102.

40 Lothar Carlos HOCH, A voz de Deus em outros povos, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 2, p. 177-186, 1995.

algum conhecimento do evangelho. Pensamos naquela fé que não é, em primeiro lugar, “notícia”, informação ou dogma, mas “fíducia”<sup>41</sup>, ou seja, temor e amor a Deus, bem como confiança nele acima de todas as coisas. Crer, em sentido bíblico, equivale a jogar-se nos braços do Deus juiz para dele receber tudo, a cura das enfermidades, o perdão dos pecados, a razão de ser. *Se houver tal fé em outras religiões, então haverá nelas também noção, ainda que rudimentar, do evangelho.*

A pergunta deverá ser respondida positivamente. Novamente é Paulo uma das principais testemunhas. Apregoa *Abraão como protótipo da pessoa justificada por graça e fé*<sup>42</sup>. Ora, Abraão não era cristão. Viveu séculos antes de Jesus. Jamais foi batizado e não se confessava membro de uma Igreja. Não obstante, Paulo lhe atesta a fé no Deus que justifica o ímpio, vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem (Rm 4.5,17), fé esta que, como já se diz em Gn 16.6, lhe foi imputada como justiça (cf. Rm 4.5; Gl 3.6). Abraão antecipa a fé cristã, não em termos de discurso formal, mas em sua substância<sup>43</sup>.

O mesmo vale para outros ancestrais do antigo Israel, a exemplo de Davi, os salmistas, os profetas. A Igreja cristã jamais lhes negou a autenticidade da fé. Assim como lhes atribuiu uma “fé cristã”, assim definiu esta como sendo “fé abraâmica”. *Eis por que também depois de Jesus a fé não fica restrita à esfera declaradamente cristã.* Assevera, com muita razão, Carl E. Braaten: “Se os apóstolos e os pais da Igreja puderam encontrar antecipações de Cristo no Antigo Testamento, temos o direito de esperar coisa semelhante nos textos e tradições de outras religiões.”<sup>44</sup>

6. Fé não se encontra apenas no interior da família cristã. Essa constatação é corroborada, de modo indireto, pelo próprio **Jesus**. Ele provocou escândalo ao comentar a atitude do centurião romano, um pagão, dizendo não ter encontrado em Israel fé como esta (Mt 8.10). Também a mulher siro-

---

41 Cf. Roberto ZWETSCH, Perspectivas de diálogo entre fé indígena e fé cristã, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 1, p. 50s., 1996.

42 Veja nosso estudo Gottfried BRAKEMEIER, “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6) – salvação somente por Jesus? in: *Testemunho da fé em tempos difíceis*, São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 75s.

43 A fé de Abraão tem forte afinidade com o que Hans-Martin BARTH, *Dogmatik: evangelischer Glaube im Kontext der Weltreligionen*, Gütersloh: Chr. Kaiser, 2001, p. 114s., chama de “fé ômega”. Enquanto a “fé alfa” teria conteúdos dogmáticos definidos, a “fé ômega” seria algo como uma confiança absoluta, intuitiva, suscetível de ser encontrada também em outras religiões. Essa distinção não pretende desabonar a “fé alfa”. Ela sempre está na origem da “fé ômega”. Mas não é o dogma que salva.

44 Carl E. BRAATEN, op. cit., (n. 9), p. 551; cf. também Wilfried HÄRLE, op. cit., p. 101s.

fenícia (Mt 15.28) e o samaritano, curado da lepra (Lc 17.19), superam em fé os membros do povo eleito. Algo semelhante vale para o amor. Mostra-o a parábola do bom samaritano (Lc 10.25s.). Também neste tocante *os de fora podem tirar vantagem sobre os de dentro*. A mesma abertura, enfim, está em evidência num texto como o de Mt 25.31-46. Embora não tenham identificado Jesus na pessoa necessitada, são abençoados com o reino de Deus os que praticaram a misericórdia (cf. Mt 5.7). Isto não dispensa a fé<sup>45</sup>. Pois fé e amor, no Novo Testamento, andam de mãos dadas. No entanto, os “filhos do reino” são lembrados de não possuírem monopólio junto a Deus. Conforme a Carta aos Hebreus, quem hospeda um estrangeiro poderá abrigar a um anjo sem o saber (Hb 13.2). Inversamente, Jesus alerta: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai” (Mt 7.21). É perigoso selecionar os “salvos” entre os “perdidos”.

Convém ressaltar que a fé, nas passagens citadas, não é a “fé em Jesus” em termos do posterior dogma cristológico. *É a fé em Deus muito à semelhança da de Abraão*. De acordo com Leonhard Goppelt, o “centurião bem como a mulher siro-fenícia pedem de Jesus uma ajuda que provém do Deus de Israel”<sup>46</sup>. Portanto, essa fé é mais do que a costumeira confiança do paciente na pessoa do médico. É fé no Deus que “ressuscita mortos” e, por isso, também cura enfermidades (cf. Sl 103.3s.). Por isso mesmo, o samaritano curado da lepra volta para *agradecer* a Jesus. Mas ele *glorifica* a Deus (!) em alta voz (Lc 17.15s.). Vinculando a salvação à fé e não a ritos, nem à descendência ou à obediência à lei, Jesus permeabilizou as fronteiras do povo de Deus<sup>47</sup>. Retoma a visão do afluxo dos povos, mas já não mais ao monte *Sião*. Jesus enxerga muitos vindo do oriente e do ocidente, assentando-se à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no *reino de Deus*. Enquanto isso, os filhos do reino deverão tomar cuidado para não serem lançados nas trevas

---

45 O texto mereceu muita atenção por parte da teologia, principalmente a latino-americana. Existe salvação à parte da fé, por obras do amor somente? É esta a concepção de Joachim JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, São Paulo: Paulinas, 1976, p. 204s. Enquanto os cristãos são justificados pela fé, os pagãos seriam justificados pela caridade. Na nossa opinião, não se pode depreender isto do texto. Porventura não necessitam também os pagãos da graça de Deus? Veja Gottfried BRAKEMEIER, “O que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos”, in: *Testemunho da fé em tempos difíceis*, p. 105-119; remetemos ainda para Walter ALTMANN, *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*, São Leopoldo: Sinodal / São Paulo: Ática, 1994, p. 295-306.

46 Leonhard GOPPELT, *Begründung des Glaubens durch Jesus*, in: id., *Christologie und Ethik*, Göttingen: Vandenhoeck, 1969, p. 53. A tradução é nossa. Sobre o assunto, veja também Uwe WEGNER, *Der Hauptmann von Kafarnaum*, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1985, especialmente p. 392s.

47 Remetemos ainda a Leonhard GOPPELT, *Teologia do Novo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1976, v. 1, p. 174s.; Gerhard EBELING, *Jesus und Glaube*, in: id., *Wort und Glaube*, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1960, p. 203-254.

exteriores (Mt 8.11s.). Tudo isto significa que a ocorrência de salvação é difícil de ser *localizada*. De nenhuma forma pode ser monopolizada. Não se prende a uma instituição, a um povo, a uma cultura ou a uma confissão. Somente Deus sabe quem realmente crê. Eis a razão para não encampar pessoas precipitadamente como “cristãos anônimos” nem para condenar os considerados publicanos, pagãos, incrédulos aos castigos infernais.

7. A presença de fé também entre “estrangeiros” não dispensa os discípulos de Jesus da **missão**. O evangelho necessita de *testemunhas* (At 1.8). E a fé, para nascer, também. É verdade que Deus tem muitas testemunhas, também entre os não-cristãos. Tanto mais necessário se faz que a comunidade cristã assuma a tarefa de ser porta-voz do evangelho. Não para *levar a salvação*. *Missão cristã não salva ninguém*. É a graça de Deus que salva, e esta pode chegar também sem a mediação de pessoas missionárias e até a despeito das mesmas. Entretanto, perfaz mandato inalienável da Igreja anunciar as maravilhas de Deus e ensinar tudo o que Jesus tem dito e feito (At 2.11; Mt 28.18s.)<sup>48</sup>. Cristãos e cristãs estão incumbidos de “semear” a palavra, deixando a cargo de Deus o crescimento (1 Co 3.6s.).

A missão cristã afirma haver somente *um* caminho à salvação, o amor de Deus, sua graça, sua misericórdia. Haverá outro? Poderá o ser humano salvar-se com as próprias forças? Por Jesus Cristo, Deus estende a mão ao ser humano para resgatá-lo da desgraça (Rm 8.39). Espera que seja acolhida pela fé. Entretanto, o rebanho do bom pastor é maior do que aquele que se enxerga. Jesus diz ter mais outras ovelhas que não são deste aprisco (Jo 10.16). *Proíbe-se à Igreja aprisionar Jesus Cristo dentro de seus recintos, assim como Jesus de Nazaré não permitiu ser aprisionado dentro das tradições de seu povo*. Embora se soubesse enviado em primeiro lugar às ovelhas perdidas de Israel (Mt 10.6; 15.24), abriu as portas para o ingresso de gente de fora. O reino de Deus tem dimensões universais.

#### **4 - A verdade e a paz se beijaram**

1. Como relacionar-se com pessoas de outros credos, com não-cristãos? À base do exposto, arriscamos a tese de que somente um modelo a ser caracterizado como **“exclusivismo aberto”** poderá assegurar tanto o compromisso com a verdade quanto a construção da paz religiosa. O modelo

---

<sup>48</sup> Missão é serviço à obra de Deus no mundo, não promoção da Igreja – muito embora também o crescimento da comunidade como instrumento da missão mereça atenção. Veja Georg Vicedom, *A missão como obra de Deus*, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1996.

incorpora elementos do inclusivismo, sem, no entanto, encobrir as divergências. Ele admite pluralidade, mas se opõe ao relativismo. É ecumênico, buscando consensos essenciais para a convivência, exercitando, no mais, a virtude da tolerância produtiva. Expressa a convicção de ser possível *conjuguar a reivindicação da verdade com a abertura para o diferente*<sup>49</sup>.

O primeiro motivo para o pleito em favor do exclusivismo consiste no simples fato de *todas as religiões serem exclusivistas*. Islamismo, judaísmo, hinduísmo, todas se consideram a si próprias como portadoras da única e exclusiva verdade salvífica. O cristianismo não constitui exceção. E de fato: “Uma religião que tivesse renunciado à sua unicidade, já não mais despertaria especial interesse.”<sup>50</sup> Teria perdido a credibilidade. A reivindicação de afirmar algo absoluto, inquestionável e, por isso, confiável perfaz a natureza de todos os credos. Religiões pretendem normatividade para seus enunciados, seus dogmas e seus costumes. Reivindicam validade. Não há como recriá-las por essa razão. *Exclusivismo religioso é algo “natural”*.

Ele até mesmo é necessário. *É premissa de diálogo autêntico*. Quem não tem posição está desde já desqualificado. Sem a fidelidade ao próprio engajamento de fé, o diálogo se inviabiliza<sup>51</sup>. Espera-se do interlocutor ou da interlocutora a virtude da “valentia” na defesa de seu ponto de vista<sup>52</sup>, ou seja, firmeza e constância. Considerando que ninguém pode, a um só tempo, reunir em si posição e oposição sem se expor ao ridículo, é inevitável que o diálogo inter-religioso se trave entre posições “exclusivistas”. Somente assim haverá aprendizagem. Ademais, convém sublinhar que diálogo de modo algum se restringe a uma “conversa” ou disputa verbal. O que se tem em vista é a *postura dialógica*<sup>53</sup>, incluindo gestos, conduta, discurso, pautando as relações humanas e expressando-se numa determinada forma de comunicação. Diálogo pode também acontecer no silêncio, no intercâmbio de experiências, na oração. Mas sempre terá em vista o parceiro, o outro. É convivência e partilha mútua, mesmo na tensão da diferença.

2. O exclusivismo se corrompe ao se transferir das posições para as pessoas. Quando os dissidentes passam a ser apelidados de hereges, igno-

---

49 Assim, com muito acerto, Christoph GESTRICH, *Der “Absolutheitsanspruch” des Christentums, Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen: J. C. B. Mohr, v. 77, n. 1, p. 108s., 1980.

50 Jürgen MOLTMANN, *Dient die “pluralistische Theologie” dem Dialog der Weltreligionen?*, *Evangelische Theologie*, München: Kaiser, v. 49, n. 6, p. 535, 1989. A tradução é nossa.

51 Veja Faustino TEIXEIRA, *Teologia das religiões*, op. cit., p. 212s.

52 Assim Hans KÜNG, *Dialogfähigkeit und Standfestigkeit, Evangelische Theologie*, München: Kaiser, v. 49, n. 6, p. 492s., 1989. Referência a Küng também em Faustino TEIXEIRA, *ibid.*

53 O que se pretende é a existência dialógica (!). Cf. Bernhard MARX, *Dialogik als ethisches Prinzip, Evangelische Theologie*, München: Kaiser, v. 49, n. 6, p. 537-550, 1989.

rantes, perdidos, o diálogo já não mais é possível. O juízo vai substituir então o argumento. A forma extrema é a demonização do outro, o que, em lugar do entendimento, exige o combate, a repressão, a exclusão<sup>54</sup>. O respeito à dignidade dos parceiros é condição fundamental. **Diálogo acontece somente entre iguais**, portanto, em paridade de condições. Isso vem necessariamente acompanhado por um interesse na alteridade do vizinho<sup>55</sup>, com uma abertura para o estranho e a disposição para expor a si próprio. Curiosidade interessada é um dos muitos condicionantes do bom diálogo, conjugado à prontidão para compartilhar com o outro meu próprio universo de fé. Diálogo sempre inclui algo de testemunho<sup>56</sup>. Não deve ser confundido com missão. No entanto, desde que conduzido com engajamento e paixão, vai conter alguns elementos da mesma. Inversamente, missão autêntica não poderá abrir mão do diálogo, embora não se esgote nele.

A abertura que se exige do exclusivismo implica a disposição para conceder ao parceiro o direito de igualmente assumir posição exclusiva. Se a Bíblia é livro sagrado para mim, é legítimo que o Alcorão o seja para o muçulmano. A reivindicação da desabsolutização das religiões não só é ilusória como também ilegítima pelos motivos acima apontados. Assim sendo, os exclusivismos religiosos, ao entrarem em diálogo, não passam do que se chama de “*absoluto relacional*”<sup>57</sup>. Meu credo tem força vinculante somente “para mim”, não para o interlocutor. Isto significa que os credos em discussão não possuem, em princípio, validade geral. Mas é justamente esta a pretensão. Nenhuma religião se conforma com o “absolutismo relacional”. Quer “absolutismo absoluto”<sup>58</sup>. Consiste nisto a importância do diálogo inter-religioso: persegue a meta de superar o particularismo e a relatividade dos credos para conseguir-lhes a pretendida validade universal. Não só o diálogo interconfessional, também o inter-religioso *busca o consenso, a comunhão na fé*. Verdade religiosa é assim: fundamenta-se em convicções, não em provas científicas. Quer ser crida, acolhida, assumida. Não deixa de ser verdade por esse motivo<sup>59</sup>.

54 Veja a já citada obra de Ivo Pedro ORO, *O outro é o demônio*.

55 Claude GEFFRÉ, A fé na era do pluralismo religioso, in: Faustino TEIXEIRA (Org.), *Diálogo de pássaros*, op. cit., p. 62s.

56 Faustino TEIXEIRA, *Teologia das religiões*, op. cit., p. 177, se reporta à discussão sobre a relação entre diálogo e anúncio na Igreja Católica. Cf. também Arnulf CAMPS, Die Notwendigkeit des Dialogs in der Mission, in: Theodor SUNDERMEIER (Ed.), *Fides Pro Mundi Vita*, Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1980, p. 168-183.

57 Eduardo Rosa PEDREIRA, op. cit., p. 132.

58 Cf. Klaus OTTE, Das Absolute und die Absolutisten, in: Hans-Gerd SCHWANDT (Ed.), *Pluralistische Theologie der Religionen*, op. cit., p. 175-190.

59 Cf. Donald WIEBE, *Religião e verdade: rumo a um paradigma alternativo para o estudo da religião*, São Leopoldo: Ed. Sinodal/IEPG, 1998.

A necessidade da abertura decorre não só das exigências do diálogo, mas muito mais da *abrangência da revelação* divina como exposta acima. Não se trata de camuflar as diferenças e de submeter o mundo não-cristão a uma cristianização implícita. A fé abraâmica em outras religiões foge a levantamentos estatísticos. Mas também no espaço não-cristão a revelação de Deus deixou marcas, manifestas, talvez, em noções do que seja honesto, justo, amável, sintonizando com o propósito divino (cf. Fp 4.8). O diálogo inter-religioso terá que permanecer atento a estes sinais, detectando afinidades, valorizando a sabedoria de outras culturas e procurando construir comunhão. Acrescente-se que *abertura perfaz, não por último, uma exigência do amor*. Pois, enquanto a verdade pode ser excludente, o amor é por natureza includente. O amor “humaniza” a verdade, ainda que não a suspenda. Lembra o apóstolo Paulo que o conhecimento sem amor ensoberbece (1 Co 8.1s.). Da mesma forma, porém, deixa claro que o amor incapaz de insistir na verdade está ameaçado de redundar em fraqueza.

3. Mas como **superar a intransigência dos exclusivismos**? O mero anseio por paz não resolve o problema das posições antagônicas. Se o exclusivismo religioso em princípio for legítimo, como dar partida a um diálogo que não acabe em carambola na primeira largada? Exclusivismos costumam ser estanques. Não se comunicam. Estão propensos a se agredir. Por isso, a abertura para o diferente, por si só, vai mostrar-se impotente para impedir o choque. Entendimento se condiciona a uma causa comum, a uma preocupação, a uma convicção. Diálogo não se faz sem motivo. Ele tem o seu momento, o seu “*kairos*”<sup>60</sup>, a sua urgência. Caso contrário, não trará resultados. Um dos mais candentes fatores motivadores consiste atualmente na manutenção ou na recuperação da paz. *O interesse comum de evitar tragédias obriga a “negociar” a harmonia social*. Exige a busca do entendimento.

Porém, os elementos comuns, motivadores do diálogo, não ficam restritos a esse único fator. Extrapolam o mero pragmatismo. Isto porque *as religiões compartilham um fundamento bem mais amplo*. De uma ou de outra forma, todas se ocupam com as perguntas últimas da existência humana. A vida humana abriga mistérios cuja natureza não se resolve mediante recursos científicos. Dizem respeito ao devir do ser humano, a seu destino e sentido, a experiências como a finitude, a ameaça, a fragilidade, a dependência, a responsabilidade, a culpa, bem como a gratuidade, a proteção, o milagre e outras. A existência humana possui dimensões “transcendentes”, “irracionais”, “místicas”, desafiando a racionalidade e traduzindo-se em culto ao sa-

---

60 Assim Jürgen MOLTSMANN, Dient die “pluralistische Theologie” dem Dialog der Weltreligionen?, op. cit, p. 532s.

grado<sup>61</sup>. Apesar das variações culturais, as perguntas subjacentes à vida do ser humano entre o nascer e o morrer conservam essencialmente as mesmas características<sup>62</sup>. Lembram a natureza “ecumênica” da humanidade. No fundo, as religiões trabalham com a mesma “matéria-prima”, os “mistérios” do humano. Enquanto isso, as respostas se apresentam variadas, conflitantes, estonteantes<sup>63</sup>. *Diálogo inter-religioso, para avançar, deverá partir dessas questões que estão na raiz da percepção do humano*, com o objetivo de compatibilizar as respostas e de achar consensos.

A diversidade das respostas religiosas demonstra a *necessidade da arbitragem*, ou seja, do exame criterioso das propostas. Está aí a questão crucial: quem julgará as religiões para conferir-lhes o atestado da autenticidade? O sucesso, a simpatia popular, o número de adeptos não são critérios seguros para tanto. Se fossem, o diálogo inter-religioso tornar-se-ia supérfluo, podendo ser substituído pela concorrência, sob a alegação de a verdade sempre coroar os ganhadores. Ora, a legitimação pelo sucesso é enganosa. Por demais vezes a verdade acaba crucificada, assim como aconteceu com o próprio Jesus de Nazaré. Nenhuma religião, pois, poderá esquivar-se da obrigação de prestar contas de seu discurso e de sua prática. Visto que o conhecimento humano é parcial (1 Co 13.9s.), *todo discurso religioso necessita da “verificação escatológica”*<sup>64</sup>. Somente o juízo final trará à luz a verdade plena. No entanto, ela se antecipa em sinais a serem detectados e traduzidos em critérios orientadores. Um dos foros privilegiados para tanto será exatamente o diálogo inter-religioso.

4. A experiência ensina ser pouco auspicioso iniciar o diálogo ecumênico com as questões polêmicas. No encontro das religiões, pois, devem ser

---

61 Continua instrutivo o livro de Rudolf OTTO, *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e sua relação com o racional*, São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

62 A “volta da religião” na atualidade não acontece por mero acaso. Cf. Pablo RICHARD, O Deus da Vida e o ressurgimento da religião, *Concilium*, n. 258, p. 138-152, 1995; João Batista LIBÂNIO, O sagrado na pós-modernidade, in: Cleto CALIMAN (Org.), *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*, Petrópolis: Vozes, 1999, p. 61-78. Veja ainda Albert SAMUEL, *As religiões hoje*, São Paulo: Paulus, 1997, especialmente p. 5s.

63 Sigmund Freud, assim como Ludwig Feuerbach com sua tese da projeção dos anseios humanos para um imaginário “além”, entendiam religião como distúrbio psíquico, transformando desse modo a teologia em apêndice da psicologia. Trata-se de flagrante reducionismo. Religiosidade faz parte da estrutura antropológica do ser humano e diz respeito a uma realidade transubjetiva. Assim, com justa insistência, Wolfhart PANNENBERG, *Erwägungen zu einer Theologie der Religionsgeschichte*, op. cit., p. 252s.

64 Importa não antecipar o juízo de Deus. Pois a verdade última é “patrimônio de Deus”. Adolphe GESCHÉ, O cristianismo e as outras religiões, in: Faustino L. C. TEIXEIRA (Org.), *Diálogo de pássaros*, op. cit., p. 42.

priorizados assuntos de interesse comum. Mesmo que falar em *verdades absolutas* enfrente suspeitas, há que se admitir haver **causas absolutas**<sup>65</sup>. São valores cuja negação impossibilitaria a convivência humana ou lhe causaria seriíssimos prejuízos. Já mencionamos o exemplo da paz. Trata-se de uma causa que não permite contestação. Não faz sentido dialogar com quem julga ser a paz um supérfluo. Estaria programando o extermínio da humanidade. Naturalmente, a conceituação da paz diverge, assim como não haverá unanimidade sobre as providências que requer. Cabe ao diálogo clarear o assunto e examinar a contribuição das religiões ao assunto. Desde que sejam evitadas superficialidades, o diálogo vai atingir o nervo das religiões e estar-lhes a natureza “salvífica”. É claro que o discurso cristão não poderá desconsiderar a cristologia. Confessa ser Jesus Cristo a paz em pessoa (cf. Ef 2.14). Algo semelhante vale para outras “causas absolutas”, a exemplo de justiça, dignidade humana, amor, esperança, perdão e, não por último, a liberdade religiosa a que o diálogo inter-religioso está condicionado. Que significa e que exige? *O futuro da humanidade demanda o mutirão global na defesa dessas causas vitais*<sup>66</sup>.

Essas constatações endossam a exigência de uma ética planetária. De acordo com o diagnóstico de Hans Küng, protagonista de tal projeto, existe hoje “concordância no fato de que sem um *mínimo de consenso fundamental* no que tange a valores, normas e posturas não é possível a existência de uma comunhão maior nem uma convivência humana digna”<sup>67</sup>. De fato, no campo da ética social, os acertos inter-religiosos se apresentam particularmente urgentes<sup>68</sup>. Mesmo assim, o diálogo inter-religioso não poderá ficar restrito a essa área. *A ética sempre possui premissas dogmáticas*. Os imperativos éticos se inscrevem num universo da fé do qual não podem ser isolados. *Alcançar uma ética mundial é objetivo tão exigente quanto a busca de consensos em assuntos de fé*. Os direitos humanos, por exemplo, repousam sobre determinado fundamento antropológico. Será ele idêntico ao das religiões orientais? A causa não cai por terra em razão de possíveis diferenças. Mas o diálogo deve preparar-se para superar obstáculos inesperados.

---

65 Com relação ao conceito do absoluto, veja Klaus OTTE, *Das Absolute und die Absolutisten*, op. cit.

66 No entender de Jürgen MOLTMANN, *Toleranz lernen, Evangelische Kommentare*, p. 86-89, 1998, trata-se, nesses casos, de “diálogo indireto” que não coloca em pauta a verdade, e, sim, projetos. Acreditamos, porém, que diálogos dessa natureza muito rapidamente vão transformar-se em “diálogos diretos”.

67 Hans KÜNG, *Projeto de ética mundial*, op. cit., p. 49.

68 Veja a discussão em Karl Josef KUSCHEL, *As grandes religiões, os direitos humanos e o humano*, *Concilium*, n. 22, p. 105-112, 1990; Mario de França MIRANDA, *Religiões e promoção da justiça*, in: Reinholdo A. ULMANN (Org.), *Consecratio Mundi*, op. cit., p. 145-152; Ulrich H. J. KÖRTNER, *Christus allein?* op. cit., col. 18; e outros.

5. Também em assuntos de conduta, “*verdade*” está em jogo, não apenas subjetividade, gosto, opção pessoal. Essa verdade se chama “**salvação**”. Distingue-se das verdades cognitivas por não ser definida por pesquisa racional ou empírica, mas por experiências de vida. A fé tem maior proximidade à *sabedoria* do que à *ciência*. Conforme a Bíblia, a negação de Deus não resulta da falta de conhecimento. É simplesmente tolice (Sl 14.1). Pois o temor a Deus é o princípio de todo saber (Pv 1.5). A verdade religiosa não pretende a simples noção ou informação. Pretende o discernimento do conveniente, do salutar. Acontece que o próprio conceito de “salutar” é ambíguo. Salvação é termo “relativo”. É sempre salvação de alguma coisa<sup>69</sup>. Por isso mesmo, existem muitas salvações. Todas as religiões salvam de alguma coisa. A pergunta não é se as religiões não-cristãs são de fato “mediações de salvação para os seus membros”<sup>70</sup>. *A pergunta cardeal diz respeito ao tipo de salvação que oferecem.*

*Decorre daí a necessidade de clarear, no diálogo inter-religioso, o próprio conceito de salvação.* Qual é o mal de que o ser humano necessita ser salvo<sup>71</sup>? Uma “cosmovisão” estará em jogo, e, por isso, também uma “antropovisão” e uma “teovisão”. Como conceituar os flagelos do pecado, da morte, da vaidade, do múltiplo sofrimento? E qual seria a terapia indicada para curar as enfermidades? De onde virá o socorro? É o que vai definir o discurso sobre Deus. *No fundo, trata-se de identificar entre as muitas “salvações” aquela uma “salvação” que promete vida em abundância* (Jo 10.10) e que melhor vem atender as causas absolutas da humanidade. Cabe atentar para as convergências entre as religiões e instrumentalizá-las para o bem das pessoas. No entanto, “a salvação” vai pôr à prova a diversidade das “salvações”. Será realmente “salvação” o que se oferece ou será produto adulterado? O diálogo inter-religioso é como a consulta de uma equipe médica: precisa chegar a um consenso tanto no diagnóstico da doença do paciente quanto na terapia a ser aplicada, incluindo, enfim, a própria conceitualização do que seja “salutar”.

É útil lembrar que a “saúde”, respectivamente, a “vida”, designada pelo termo “salvação”, diversifica-se por *fatores culturais*. Por via de regra, religiões constituem forças que não só exprimem culturas, mas também as

---

69 Carl E. BRAATEN, op. cit. Para a discussão, confira João Batista LIBÂNIO, Reflexões teológicas sobre a salvação, *Síntese* (Nova Fase), v. 1, n. 1, p. 67-93, 1974; n. 2, p. 67-83; Mário de França MIRANDA, Salvação ou salvações?: a salvação cristã num contexto inter-religioso, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 58, fasc. 229, p. 136-163, 1998; e outros.

70 Mário de França MIRANDA, *O encontro das religiões*, op. cit., p. 12.

71 Veja nosso estudo em Gottfried BRAKEMEIER, *O ser humano em busca de identidade*, São Leopoldo: Sinodal / São Paulo: Paulus, 2002, p. 191s.

plasmam. *O encontro inter-religioso, por essa razão, terá sempre aspectos de um encontro intercultural*<sup>72</sup>. A fim de evitar constrangimentos uniformistas, por um lado, e o risco de trair o próprio credo, de outro, se faz necessário distinguir o formal do essencial, a embalagem do conteúdo. Exemplo instrutivo dessa arte é oferecido pelo apóstolo Paulo em 1 Co 9.19-23<sup>73</sup>. Ele diz que, no afã missionário, fez-se judeu aos judeus e gentio aos gentios sem trair sua identidade cristã. Paradoxalmente, a mesmice do evangelho exige articulações diferentes em ambientes distintos. Fatores culturais não possuem relevância salvífica. São vasos de barro (2 Co 4.7) para o transporte do tesouro. Importa que o conteúdo não estrague.

6. O diálogo inter-religioso não será capaz de superar o pluralismo religioso e conduzir a uma só religião global. Seria ambição descabida, irreal. Mesmo assim, o diálogo trará frutos. Vai aproximar as religiões e irmanar os povos. Induzirá à aprendizagem transcultural e transreligiosa. Fomentará a paz. Mas a aproximação será possível apenas em parte. Não vai haver convergência integral em assuntos de fé. Que fazer então? Ora, o exclusivismo aberto está compromissado com a tolerância. Concede ao parceiro o “direito à diferença”, mesmo não concordando com a posição alheia. Tolerância equivale “a declarar que o intolerável mesmo é a intolerância”<sup>74</sup>. Pois a lógica desta conduz ao extermínio do diferente, ou seja, ao homicídio. Vai provocar reação e, por sua vez, inspirar intolerância<sup>75</sup>. Enquanto isso, *espírito tolerante suporta e mesmo sofre sob a diferença, mas abdica de medidas violentas*, assim como o fez o próprio Jesus. Sem um mínimo de tolerância, a sociedade plural se inviabiliza.

*Tolerância não é sinônimo exato de paz. Mas é paz aproximativa. É preferível ao choque, à colisão, à guerra. E é mais honesta. A verdade não é sufocada. Mas também a paz tem chance. O beiro definitivo entre ambas, a*

---

72 Norbert GREINACHER, Cristianismo: uma experiência multicultural, *Concilium*, n. 251, p. 3-7, 1994; Marcelo AZEVEDO, Cristianismo, uma experiência multicultural: como viver e anunciar a fé cristã nas diferentes culturas, *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 220, p. 771-787, 1995; Felix WILFRED, Interkulturelle Begegnung statt Inkulturation, *Jahrbuch Mission 1995*, Hamburg: Missionsverlag, v. 27, p. 114s., 1995; Paulo SUESS, Apontamentos para a construção do paradigma da inculturação, in: Ervino SCHMIDT / Walter ALTMANN (Orgs.), *Inculturação e sincretismo*, São Leopoldo: Sinodal / Porto Alegre: CONIC, 1994, p. 20-34; e outros.

73 Cf. Gottfried BRAKEMEIER, Os princípios missionários do apóstolo Paulo conforme 1 Coríntios 9.19-23, in: Martin DREHER (Org.), *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer*, São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 64-74.

74 Paulo MENEZES, Tolerância e religiões, in: *Diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, op. cit., p. 42s.; cf. também Pierre SANCHIS, A propósito da tolerância religiosa, *ibid.*, p. 55s.; Monique AUGRAS, Tolerância: os paradoxos, *ibid.*, p. 77s.

75 Ulrich H. J. KÖRTNER, Christus allein? op. cit., p. 16.

paz e a verdade, é a esperança escatológica. Até lá devemos ensaiar a convivência tolerante e, por isso, dialógica. O bom êxito da mesma, porém, *condiciona-se a mais outro parceiro, o amor*. Sem ele, a paz e a verdade sofrem prejuízos irrecuperáveis. Até mesmo a viabilidade da vida humana e a sustentabilidade da convivência social se tornam duvidosas. O testemunho cristão pergunta: haverá perspectivas de futuro para a humanidade sem a fé no Deus que é amor e cuja “lei” é exatamente esta? É a provocação lançada por Jesus Cristo ao mundo das religiões.